

---

## Novas histórias e possibilidades de existir: a relação entre o audiovisual e a construção da consciência negra <sup>1</sup>

Sara Viana Sobreira BEZERRA<sup>2</sup>  
Kelly Tatiane Martins QUIRINO<sup>3</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### RESUMO

Este artigo visa a investigar a relação entre o audiovisual e a negritude. Dessa forma, foi apresentado de que maneira o cinema se configura como uma indústria cultural reprodutora de racismo, bem como os prejuízos psicológicos gerados na população negra brasileira a partir dessa estrutura. Além disso, foi evidenciado como as produções audiovisuais alternativas e inclusivas têm aumentado e ganhado visibilidade por meio das mídias digitais, como, por exemplo, os curtas-metragens *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e *Hair love*. As obras e suas repercussões foram utilizadas como base para exemplificar a relevância de filmes que destacam e empoderam a cultura e história negras, de forma a fortalecer o psicológico desta população, o movimento negro e suas pautas, especialmente a desalienação e a construção de uma consciência negra.

**PALAVRAS-CHAVE:** audiovisual; racismo; consciência negra.

### 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O audiovisual é um campo de extrema importância para a representação da população negra, tendo em vista que, politicamente, vem se reivindicando uma maior pluralidade na construção de novas narrativas negras.

Contudo, um entrave dentro desse processo sempre é o alto custo para se produzir cinema; o processo de produção e distribuição dos filmes é muito caro, o que faz com que sempre os mesmos grupos acessem os recursos privados e públicos para produção audiovisual. Com o advento da internet, porém, o processo de distribuição dos filmes tem sofrido impacto, migrando das salas de cinema para o YouTube e plataformas de *streaming*.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda do 7º semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na Universidade de Brasília. Integrante do projeto de pesquisa AMAZÔNIA: Visualidade Gráfica, Poética e Imaginário. E-mail: [saravianapro@gmail.com](mailto:saravianapro@gmail.com).

<sup>3</sup> Jornalista, mestra em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) e doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Universidade Católica de Brasília e da Universidade de Brasília. E-mail: [kellytatianemartins@gmail.com](mailto:kellytatianemartins@gmail.com).

---

Nos últimos anos, cada vez mais filmes foram produzidos e lançados em plataformas como a Netflix, por exemplo, não sendo nem veiculados nos cinemas comerciais. Essa lógica só foi possível devido à internet, que se consolida cada vez mais como um espaço de trocas de informações, conhecimentos, histórias, experiências e vivências.

As denominadas TICs, tecnologias da informação e comunicação, envolvem a sociedade profundamente: tornam-se parte do nosso cotidiano de modo essencial. Uma pesquisa realizada pela agência *We Are Social*, em parceria com a ferramenta *Hootsuite*, intitulada *Global Digital Overview 2020*, afirma que os brasileiros passam, em média, 3 horas e 31 minutos nas redes sociais diariamente<sup>4</sup>.

Portanto, há uma transformação digital em desenvolvimento no país e isso fica evidenciado pelo número de dispositivos móveis que existem e o consumo das mídias digitais, exemplos de tecnologias de informação e comunicação, que exercem influência na construção do pensamento, consumo, olhar da sociedade e da cultura brasileira. Nesse sentido, Santaella descreve:

Já está se tornando lugar-comum afirmar que as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas do entretenimento e do lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade: o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem a distância), enfim, estão mudando toda a cultura em geral. (SANTAELLA, 2003, p.1)

Se a internet e as TICs influenciaram no processo de produção audiovisual negra, em 2020, há um outro impacto que se soma ao contexto da pandemia: o assassinato de George Floyd. Sua morte desencadeou protestos mundiais dentro do *Black Lives Matter*<sup>5</sup>. O movimento foi criado em 2013 após a absolvição do vigilante George Zimmerman, que assassinou o jovem Trayvon Martin, na Flórida. Desde 2014, a internet e as redes sociais se tornaram um espaço de potência e visibilidade para denúncia, seguida, logo depois, de manifestação e ocupação das ruas denunciando a violência policial e reiterando que “vidas negras importam”.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.agenciavisia.com.br/news/brasileiro-fica-3-horas-e-31-minutos-por-dia-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 1º dez. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

---

Ou seja, as mídias digitais têm ocupado um lugar que antes era absorvido pela esfera pública, como afirma Habermas (1984), compreendendo-a como um espaço onde os cidadãos dão voz aos problemas da sociedade e reivindicam-nos diante do Estado. No espaço digital, pessoas e demandas ganham visibilidade e, diversas vezes, impactam a agenda midiática a partir das transformações digitais.

Dessa forma, a proposta central deste artigo é analisar como quatro curtas-metragens que abordam questões relacionadas à temática racial geram impacto nas pessoas que tiveram acesso aos filmes, por meio do YouTube, e de que maneira elas reagiram e perceberam as narrativas criadas por estas obras.

O artigo discorre sobre os curtas nacionais *O papel e o mar*<sup>6</sup>, *Cores e botas*<sup>7</sup> e *KBELA*<sup>8</sup>, e o curta estadunidense *Hair love*<sup>9</sup>. O objetivo é compreender como essas produções, ao serem veiculadas de forma gratuita na internet, colaboram com a construção de uma autoestima da população negra, sendo um instrumento para visibilidade, representatividade e valorização da estética negra e para o enaltecimento e o fortalecimento desta comunidade na construção de uma consciência negra.

## **2. A EXPERIÊNCIA DE SER NEGRO: OS IMPACTOS DO RACISMO NA ESTRUTURA SOCIAL E NO AUDIOVISUAL**

A pesquisa de Diversidade de Gênero e Raça da Ancine, Agência Nacional do Cinema<sup>10</sup>, revela as desigualdades ainda vigentes no cinema brasileiro: em 75,3% dos longas-metragens nacionais, os negros são, no máximo, 20% do elenco. De Carvalho aponta:

Se algo caracteriza a nossa era, em todo o planeta, é a presença do racismo fenotípico intenso. Os seres humanos que classificamos como caucasianos, isto é, de pele clara, olhos claros, cabelos lisos e narizes finos – enfim, os “brancos” ocidentais, europeus em geral e muito particularmente os anglo-saxões – definiram um padrão de valor e beleza para toda a espécie humana e o impuseram (antes a ferro e fogo e atualmente através da indústria cultural e do controle político e financeiro) a todo o resto do mundo (DE CARVALHO, 2020, p.1)

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73cWnIOfZXM>. Acesso em: 17 dez. 2020

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEyU0o&t=2s>. Acesso em: 31 jan. 2021

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE&t=1164s>. Acesso em: 31 jan. 2021

<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V\\_Fkw28&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28&t=2s). Acesso em: 31 jan. 2021

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna\\_diversao\\_arte,661107/pesquisa-ancine.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/02/21/interna_diversao_arte,661107/pesquisa-ancine.shtml). Acesso em: 4 dez. 2020.

Compreende-se por racismo um sistema de hierarquias de raças criado a partir do século XV, no processo de colonização das Américas. Conforme afirma Quijano (2005), o racismo surge em decorrência de novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça e que foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global.

E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, Aníbal, 2005, p. 202)

O racismo começa no século XV e vai se aperfeiçoando e adaptando conforme o desenrolar do tempo. No Brasil, último país das Américas<sup>11</sup> a abolir a escravidão, o racismo estrutura toda a sociedade, fato que fica evidente ao se analisar os indicadores socioeconômicos da população negra.

O racismo se manifesta por meio da linguagem: ofensas acerca do cabelo, da tonalidade da pele e do tamanho do nariz. Também se apresenta por meio de papéis sociais do trabalho: a empregada doméstica, a cozinheira e a copeira. Esses são trabalhos executados majoritariamente por mulheres negras que ocupam a cozinha e dormem no quarto da empregada, o que simboliza a herança escravocrata do Brasil Colônia e Império até os dias de hoje.

Outra estrutura simbólica que reproduz o racismo é o cinema. Historicamente, há falta de representatividade dessa população nas produções audiovisuais e, quando há, a reprodução ocorre por meio de estereótipos: o homem negro sexualizado, comediante ou escudeiro do protagonista branco, e as mulheres negras servis, domésticas ou históricas, que se caracterizam como racismo.

Como foi dito anteriormente, as TICs são um conjunto de tecnologias integradas e que estão contribuindo para a transformação digital. Entretanto, no que tange ao racismo, os meios digitais têm se propagado da mesma forma que ocorre na vida *off-line*.

Para Jenkins, atualmente existe uma grande cultura da convergência. Portanto, além do cinema, na internet também é possível encontrar conteúdos audiovisuais que

---

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.infoescola.com/historia/cronologia-da-abolicao-da-escravidao-no-mundo/#:~:text=Em%201863%20o%20Imp%C3%A9rio%20Colonial,Seguiu%20a%20Tun%C3%ADsia%20\(1890\).](https://www.infoescola.com/historia/cronologia-da-abolicao-da-escravidao-no-mundo/#:~:text=Em%201863%20o%20Imp%C3%A9rio%20Colonial,Seguiu%20a%20Tun%C3%ADsia%20(1890).) Acesso em: 3 maio 2021.

reproduzem o racismo. No trabalho *Linha do tempo do racismo algorítmico: casos, dados e reações*, o autor, Tarcízio Silva, expõe algumas dessas ocorrências, apresentadas nas figuras abaixo:



FIGURA 2 – Google Photos taggeou pessoas negras como “gorilas”



FIGURA 4 – Buscar “mulher negra dando aula” no Google leva à pornografia

FONTE - SILVA, Tarcízio. *Linha do Tempo do Racismo Algorítmico*. Blog do Tarcízio Silva, 2020<sup>12</sup>

Posto que o audiovisual, aliado às mídias digitais, possui grande influência no imaginário coletivo brasileiro, são inquestionáveis as inúmeras consequências geradas no psicológico da população negra, sendo que o complexo de inferioridade é a primeira delas.

O cinema como mecanismo de construção de subjetividade e representação cultural, ao falhar em retratar costumes, histórias, músicas, linguagens negras, ou, pior, ao colocar os negros em situações subservientes ou de forma sexualizada, como visto anteriormente, reforça a perspectiva da inferioridade. Fanon afirma:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. (FANON, 2008, p.34)

<sup>12</sup> Disponível em: <http://https://tarciziosilva.com.br/blog/posts/racismo-algoritmico-linha-do-tempo> Acesso em: 1º fev. 2021

---

Dessa forma, o indivíduo colonizado, que vê apenas imagens brancas, começa o segundo processo: a desvalorização de si. De maneira lenta e sutil, porém perversa, mais consequências aparecem; cria-se a crença de que as pessoas negras são feias, erradas, insuficientes, servis, animalizadas, violentas e desumanizadas. Fanon descreve que nesta fase desenvolvem-se as neuroses:

Fora algumas falhas sugeridas em ambientes fechados, podemos dizer que toda neurose, todo comportamento anormal, todo eretismo afetivo em um antilhano resulta da situação cultural. Em outras palavras, há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence. (FANON, 2008, p. 135)

Inconscientemente, essas neuroses afetam os indivíduos negros durante toda a vida e, imersos em uma sociedade onde a vida próspera está sempre atrelada a não ser negro, cresce a terceira consequência: o desejo de ser branco.

Alisar os cabelos, afinar o nariz e se afastar de práticas religiosas, vestimentas e acessórios característicos da cultura negra são alguns dos resultados da alienação provocada pelos padrões estéticos, culturais e comportamentais brancos e cristãos no audiovisual e nos meios digitais. Esse processo mina a autoestima do corpo e dos valores pretos. Neusa Santos descreve essa lógica:

Ele é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade branca, responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas brancos. (SOUZA, 2019, p. 17)

É importante ressaltar que, além das questões raciais, existem outros fatores que afetam parte da população negra. Alguns deles são gênero e classe. Por exemplo, mulheres negras, como Carolina Maria de Jesus, personagem protagonista de *O papel e o mar*, são marginalizadas devido ao racismo, machismo, sexismo e sua posição social. Essas violências sobrepostas são denominadas interseccionalidade, conceito criado por Kimberlé Crenshaw.

Acima, foi indicada apenas uma parcela dos distúrbios aos quais a população negra brasileira está exposta e de que maneira a despreocupação com a inclusão de

---

personagens negros de forma não estereotipada em produções audiovisuais de massa apenas colabora para a construção dessas e de outras neuroses.

### 3. CURTAS-METRAGENS: AS NOVAS NARRATIVAS

O cinema brasileiro carrega em si uma história de representações racistas, de invisibilidade e psicologicamente prejudiciais para a população negra. No entanto, nos últimos anos, é notório o aumento de produções audiovisuais com abordagens inclusivas e não estereotipadas de protagonistas de grupos historicamente marginalizados, entre eles: as mulheres, os negros, as pessoas com deficiência e a comunidade LGBTQIA+.

Um exemplo incontestável foi *Pantera Negra*, desenvolvido pela Marvel Studios, em 2018. Apesar das consideráveis problemáticas<sup>13</sup> que envolvem a produção de um filme com protagonistas negros e uma equipe cinematográfica branca, não se pode negar a influência, importância e representatividade gerada por um filme de super-heróis negros, em uma indústria branca. Apesar de lento, é visível o aumento de conteúdos audiovisuais voltados para a temática negra. O cineasta e pesquisador Joel Zito Araújo, diretor do documentário *A negação do Brasil*, afirma, em entrevista: “continuamos minoritários e sendo tratados como minoria, mas existe um evidente crescimento e reconhecimento”.<sup>14</sup>

É essencial perceber a relação dinâmica entre o aumento de filmes e séries<sup>15</sup> que abordam questões raciais e as novas demandas sociais, com consumidores atentos, conectados, exigentes e engajados politicamente.

Além do cinema, essa expansão e modificações atingem outras mídias e veículos. Em 2005, o YouTube foi lançado e, atualmente, é o segundo site mais acessado do mundo, ficando atrás apenas do Google, de acordo com o ranking Alexa 2019<sup>16</sup>. A plataforma deu oportunidade para produções e artistas independentes mostrarem seus trabalhos

---

<sup>13</sup> Wakanda, país onde a narrativa é construída, é uma monarquia absolutista. As tecnologias e os bens naturais são escondidos do resto do mundo. E, por fim, a linguagem cinematográfica é “estrutura de blockbuster”. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/pantera-negra-critica> e <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/02/por-que-o-filme-pantera-negra-incomoda-tanta-gente.shtml> Acesso em: 27 abr. 2020.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://baoba.org.br/a-presenca-negra-na-producao-cinematografica-do-brasil/> Acesso em: 7 dez. 2020.

<sup>15</sup> *Soul*, *A 13ª Emenda*, *Moonlight*, *Olhos que conderam*, *Que horas que ela volta*, *Blackish*, *Corra!*, *Cara gente branca*, *Estrelas além do tempo*, *Histórias cruzadas*, *A voz suprema do blues*, *Them*.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/estatisticas-do-youtube/>. Acesso em: 7 dez. 2020.

---

gratuitamente e com possibilidade de monetização. Como resultado, existe uma pluralidade de vídeos dos mais diversos ramos, conteúdos, nacionalidades e narrativas.

Portanto, na perspectiva de evidenciar essas novas produções, com ampla multiplicidade e complexidade nos papéis representados pelos atores negros, será explorado como as obras audiovisuais com enfoque na temática racial negra têm ganhado força, e de que maneira o espaço digital acaba se tornando um espaço de divulgação e democratização dessas produções e debates. O foco serão os curtas nacionais *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e o curta estadunidense *Hair love*, todos disponíveis de forma gratuita na plataforma YouTube.

Nesse sentido, o curta-metragem *O papel e o mar*, produzido pela Lapilar Produções Artísticas e dirigido por Luiz Antônio Pilar em 2010, narra um encontro fictício entre Carolina Maria de Jesus e João Cândido, no Rio de Janeiro. Carolina obteve pouca escolarização formal durante a vida; não obstante, tornou-se leitora e escritora em um contexto improvável: a favela do Canindé, em São Paulo. Atualmente, é considerada uma das primeiras e mais relevantes escritoras negras do Brasil.<sup>17</sup>

João Cândido Felisberto, por sua vez, filho de escravos, nunca obteve educação formal. Nasceu no Rio Grande do Sul e, com apenas 14 anos, ingressou na Marinha. Em 1910, João Cândido, conhecido como Almirante Negro, liderou um motim de marinheiros contra os castigos físicos exercidos pela mesma instituição; o movimento ficou conhecido como a Revolta da Chibata.<sup>18</sup>

Quando querem se livrar dos papéis e das latas velhas, mandam para o lixão, quando querem se livrar das pessoas que incomodam, mandam para a favela, o quarto de despejo da humanidade.<sup>19</sup>

A obra contribui imensamente para a desvinculação dos típicos estereótipos associados aos negros no audiovisual brasileiro, pois rompe com o desconhecimento de Carolina Maria de Jesus e João Cândido, figuras negras de extrema importância para a História do Brasil e que são invisibilizadas na Historiografia tradicional. Por meio da linguagem cinematográfica e da divulgação no YouTube, o grande público pode acessar

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 1º dez. 2020.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50680851> e <http://www.palmares.gov.br/?p=24839#:~:text=Hoje%2C%20a%20Revolta%20da%20chibata,e%20alista%2Dse%20na%20Marinha>. Acesso em: 2 dez. 2020.

<sup>19</sup> Trecho do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, adaptado ao curta-metragem.

---

este curta, o que amplia e contribui com o debate acerca das questões raciais. A importância da linguagem fica evidente neste trecho de Fanon, que se mantém atual até hoje:

Atribuímos uma importância fundamental ao fenômeno da linguagem. É por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro. (FANON, 2008, p. 33)

O filme, que possui duração de 13 minutos, já conta com mais de 62 mil visualizações e 80 comentários. Além disso, o livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, escrito por Carolina, foi traduzido para 13 línguas e distribuído para mais de 40 países.

No mesmo ano, 2010, a Preta Portê Filmes lança *Cores e botas*, curta-metragem de duração de 15 minutos, escrito e dirigido por Juliana Vicente. A narrativa se passa na década de 1980, época na qual a televisão e, em especial, os canais abertos faziam parte da cultura brasileira, porém era evidente a falta de representatividade de raça, principalmente entre as Paquitas, grupo de dança do programa da Xuxa nos 1980 e 1990.

Nesse sentido, a trama conta a história de Joana, uma menina negra que tem o sonho de ser Paqueta. Algumas falas, como “Você não tem cara de Paqueta” e “Será que vamos ter uma Paqueta exótica?”, fazem-na perceber que não se encaixa nos padrões estéticos necessários. Assim, Joana inicia um processo de “embranquecimento” e procura por aceitação ao tentar pintar os cabelos de loiro.

Na mesma perspectiva, *Cores e botas* é significativo no sentido de denunciar os preconceitos, padrões estéticos e estruturas racistas vigentes nos meios comunicacionais da sociedade brasileira na década de 1980.

Joana vive, percebe e sente inúmeras barreiras desde a infância e logo apresenta complexo de inferioridade e vontade de ser branca durante a narrativa, processos esses descritos anteriormente por Fanon e Neusa Santos. A produção audiovisual possui mais de 200 mil visualizações, foi apresentada em mais de 30 festivais e ganhou 7 prêmios, entre nacionais e internacionais.

Em consonância com os outros curtas, *KBELA*, dirigido por Yasmin Thayná, engloba a perspectiva do racismo cotidiano que mulheres negras sofrem em virtude de seus cabelos, corpos e crenças. No entanto, a obra ressalta a possibilidade do amor próprio, do empoderamento, da exaltação do corpo, da estética e da cultura afro, do respeito pela ancestralidade, e, por fim, a aceitação como forma de resistência.

---

Além disso, KBELA foi produzido devido ao financiamento coletivo na internet com o apoio de 117 pessoas, em 2015, enfatizando novamente a influência e o poder do espaço digital. O curta recebeu 6 prêmios, possui mais de 60 mil visualizações e 82 comentários na plataforma YouTube.

Por fim, *Hair love*, curta-metragem de apenas 7 minutos, de Matthew A. Cherry, conta a história de uma pai afro-americano que se dedica a cuidar do cabelo de sua filha Zuri pela primeira vez e encontra múltiplas dificuldades. A produção se destaca pela humanização dos personagens negros por meio do afeto e do amor próprio.

Ademais, é interessante perceber a preocupação em demonstrar a diversidade de penteados afro, indo contra os padrões hegemônicos, evidenciando novos padrões de beleza. *Hair love* tem mais de 65 milhões de visualizações e 82 mil comentários no YouTube. O curta venceu o Oscar na categoria Melhor Curta de Animação.

#### 4. ANÁLISES E CATEGORIAS

O método Análise de Conteúdo, segundo Bardin (1977), pode ser dividido em cinco etapas principais: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático. A classificação foi possível por meio da comparação entre as narrativas e os comentários postados pelos espectadores no YouTube.

As categorias são criadas por meio de inferências, que são os aspectos implícitos na mensagem e que podem revelar as condições de produção, as variáveis sociais, econômicas e culturais, considerando a mensagem propriamente dita, para designar a indução a partir dos fatos. “Qualquer análise de conteúdo deve passar pela análise da própria mensagem” (BARDIN, 1977, p. 134), pois só dessa forma é possível compreender os valores, os mitos, as intenções que estão por trás daquela mensagem.

Dessa forma, foram criadas as seguintes categorias: visibilidade, representatividade e valorização da estética negra. As categorias são encontradas na estrutura narrativa das quatro produções, e os comentários<sup>20</sup> dos internautas seguem as mesmas características.

A categoria Visibilidade tem por objetivo explicitar os aspectos positivos em ser negro, sobre a história da população negra, dos heróis negros, sobre a resistência do povo negro contra os estereótipos, silenciamento e invisibilidade histórica deste grupo na

---

<sup>20</sup> Os comentários a seguir foram mantidos em sua forma original, traduzindo a melhor percepção de cada espectador.

produção audiovisual tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Confira na tabela 1 os comentários que se relacionam com esta categoria.

TABELA 1  
Visibilidade

	Visibilidade
<i>O papel e o mar</i>	<p>“Sem palavras... Muito lindo!. Se me permitem, vou usar em sala, com meus alunos da EJA. Não é à toa que eles nunca ouviram falar da Carolina, de João Cândido, do Bullbul, de Abdias do Nascimento...”</p> <p>“Virou enredo de escola de samba , nada mais que justo . 🙌🙌🙌”</p> <p>“Assisti em lágrimas, dois heróis que trabalham contra o silenciamento do povo negro.”</p> <p>“Estou lendo O quarto de despejo e totalmente por acaso caí aqui. Que sorte a minha! 😊”</p> <p>“Emocionante,vibrante a interpretação dos atores do filme. Merecedor de premiação. Uma história viva jamais ser esquecida.”</p>
<i>Cores e botas</i>	
<i>KBELA</i>	<p>“Meu deus que coisa mais lindaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! que presente ! eu sigo resistindo obrigada”</p> <p>“Parabéns pelo trabalho. Que atinja nossas mulheres e crianças ❤️”</p> <p>“Que trabalho lindo, sensível e importante, parabéns a todos os envolvidos e muito obrigada!! Por mais produções pretas no audiovisual brasileiro!!”</p> <p>“Essa produção certamente é uma referência pra minha vida! Parabéns a todxs envolvidos!!! Uma obra prima do audiovisual brasileiro!”</p>
<i>Hair love</i>	<p>“Thanks for the short clip of a all black animation this is really rare 🙌🙌🙌🙌🙌”<sup>21</sup></p> <p>“In less than seven minutes, the film illustrates a story to bring awareness about the diversity of hair and how hair is one of the most defining characteristics of a person which should be valued and appreciated through society. Apart from this, Zuri (daughter) also</p>

<sup>21</sup> Tradução livre: “Obrigado pelo curta-metragem de uma animação toda de pessoas negras, isso é muito raro”.

	conveys that everyone should not be ashamed of their physical appearance as she does with her mother. The film truly is a loving and inspirational story.” <sup>22</sup>
--	--

A categoria Representatividade trata do quanto, ao se ver em um personagem, a pessoa negra desenvolve empatia, identificação e sentimento de pertencimento por se ver retratada em uma dessas produções audiovisuais. Na tabela 2, seguem os comentários da categoria Representatividade.

TABELA 2  
Representatividade

	<b>Representatividade</b>
<i>O papel e o mar</i>	<p>“Dois bravos heróis que representam o Brasil.”</p> <p>“Que maravilhoso esse vídeo, João Cândido sempre será lembrado por nós marujos.”</p> <p>“Eu simplesmente chorei! Meus alunos vão fazer uma pequena apresentação sobre Carolina e penso que este vídeo com o encontro fictício com João Cândido contribuirá em nossas reflexões. Obrigada por compartilhar!”</p>
<i>Cores e botas</i>	“Lindo D+!!! Chorei... e lembrei muito da minha infância... *_*”
<i>KBELA</i>	<p>“Algum projeto com crianças? Sou professora de educação infantil e estou em busca de materiais "reais", encontro muitas histórias e tenho trabalhados registros em desenho, etc, mas gostaria de uma identificação com pessoas reais sabem?”</p> <p>“Sou imensamente grata por ter tido acesso a este esplendoroso trabalho. Adupé!!!”</p>
<i>Hair love</i>	“I am so related to this film. My hair is so curly, that's takes at last 30 to just untangled it. But I still think that's my hair is real pretty and there is someone out there want to have hair like me. This film is so amazing. What a beautiful way to say love your own beautiful, natural hair.” <sup>23</sup>

<sup>22</sup> Tradução livre: “Em menos de sete minutos, o filme ilustra uma história de conscientização sobre a diversidade do cabelo e como o cabelo é uma das características mais marcantes de uma pessoa que deve ser valorizada e apreciada pela sociedade. Além disso, Zuri (filha) também transmite que ninguém deve se envergonhar de sua aparência física como ela faz com sua mãe. O filme é realmente uma história amorosa e inspiradora.”

<sup>23</sup> Tradução livre: “Estou muito representada por este filme. Meu cabelo é tão encaracolado que leva 30 para apenas desembaraçá-lo. Mas ainda acho que meu cabelo é muito bonito e há alguém aí que quer ter um cabelo como o meu. Este filme é tão incrível. Que bela maneira de dizer ame seu próprio cabelo lindo e natural”.

	<p>“As a person with naturally curly hair, this really spoke to me.”<sup>24</sup></p> <p>“OMG I CAN RELATE TO THIS LITTLE GIRL SO MUCHHHH”<sup>25</sup></p>
--	---

A categoria Valorização da Estética Negra evidencia aspectos da identidade, cultura, das características fenotípicas da população negra que são destaque nas narrativas e que também foram comentadas pelas pessoas no YouTube.

TABELA 3  
Valorização da estética negra

	Valorização da estética negra
<i>O papel e o mar</i>	
<i>Cores e botas</i>	
<b>KBELA</b>	<p>“Maravilhoso! Vou usar na minha aula de história sobre identidade cultural &lt;3”</p> <p>“Que magnífico. Me identifiquei demais. Passei tanta coisa no meu cabelo, pois o achava feio. Por mais que tentasse achar o contrário, a sociedade não permitia. Mas me libertei. Hoje ele é crespo simmmmm e lindo. Parabéns. Amei também as mulheres lindas dançando no fim do documentário. É isso aí, Yasmin Thayná.”</p>
<i>Hair love</i>	<p>“I literally cried watching this, am not African decedent , am South Indian , and I have 3C curls. My classmates compared my hair to broomstick and loofah even during my graduating years and I cried everyday untill my Masters, only now after free internet in India I started watching YouTube vlogs of africans and African American sisters on haircare and get to know the value of my hair. Nobody knows the hardship and pressure I faced with my hair in the society full of people with waist length straight hair... And 3c and 4c curls are not a little thing. Anyways I really appreciate all the hair care vloggers who motivated me, and my hair is PRIDE ❤️ (Thanks for the compassion towards my story 😞😞)”<sup>26</sup></p>

<sup>24</sup> Tradução livre: “Como uma pessoa com cabelo naturalmente cacheado, isso realmente me representa.”

<sup>25</sup> Tradução livre: “OMG, POSSO ME IDENTIFICAR TANTO COM ESTA MENINA”

<sup>26</sup> Tradução livre: “Eu literalmente chorei vendo isso, não sou descendente de africano, sou do sul da Índia e tenho cachos 3c. Meus colegas comparavam meu cabelo a um cabo de vassoura e bucha mesmo durante meus anos de graduação e eu chorei todos os dias até meu mestrado, só que agora, depois da internet gratuita na Índia, comecei a assistir a vlogs no YouTube de africanos e irmãs afro-americanas sobre cuidados com os cabelos e comecei a saber o

	<p>“I’m really pleased with this it shows you are unbeatable with courage and confidence and your beautiful inside and out. I really hope all of you love yourself no matter what the consequence is because I wanna say to everyone reading this comment you are unique and beautiful in your own way ❤️ You all are special ❤️”<sup>27</sup></p>
--	--

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O audiovisual que respeita a população negra oferece novas histórias e possibilidades de existir. O processo de conexões e análises dos curtas-metragens como *O papel e o mar*, *Cores e botas*, *KBELA* e *Hair love* contribuem positivamente, de forma tanto individual quanto coletiva, para a população negra.

O resgate histórico e a representação real dos personagens corroboram para a construção de um imaginário individual e coletivo onde o preto é valorizado rompendo com os estereótipos históricos que acompanham o povo negro desde o cinema novo e durante todo o século XX.

Assim, quando é possível se ver com uma visibilidade positiva, com uma representação plural e como valorização da estética negra, a população negra se enxerga e se sente representada nessas novas narrativas, gerando um novo processo: a autoaceitação.

As produções audiovisuais se tornam mecanismos de empoderamento. No âmbito pessoal, colabora para a formação de uma autoestima, visto que projeta negros em posições de prestígio na sociedade, tais como atores, personagens e diretores. Contribui também na construção de subjetividade e personalidade, posto que os personagens retratados possuem pensamentos característicos e comportamentos variados entre si.

Da mesma forma, ao pensar nos benefícios coletivos, as obras enaltecem a identidade, a cultura, a estética e a história negra. Como consequência, há a solidificação da comunidade e o sentimento de pertencimento. Logo, a situação passa a ser um ciclo: a

---

valor do meu cabelo. Ninguém sabe as dificuldades e a pressão que enfrentei com meu cabelo em uma sociedade cheia de pessoas com cabelos lisos na altura da cintura... E os cachos 3c e 4c não são pouca coisa. De qualquer forma, eu realmente aprecio todos os vloggers de cuidados com os cabelos que me motivaram, e meu cabelo é ORGULHO (Obrigado pela compaixão com a minha história)”.

<sup>27</sup> Tradução livre: “Estou muito feliz com isso, pois mostra que você é imbatível com coragem e confiança e que é linda por dentro e por fora. Eu realmente espero que todos vocês se amem, não importa quais sejam as consequências, porque eu quero dizer a todos que estão lendo este comentário que vocês são únicos e bonitos do seu próprio jeito. Vocês todos são especiais”.

---

comunidade encoraja o indivíduo e o indivíduo fortalece a comunidade. Angelou descreve: “Muitos se sentem felizes, mesmo sem serem capazes de explicar sua emoção. Acredito que seja só porque se sentem importantes de forma geral”.

## REFERÊNCIAS

- ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha**. Rio de Janeiro: Agir, 2019.
- BENJAMIN, Walter. **Teses sobre o conceito da história**. Obras escolhidas, 1940.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre colonialismo**. Florianópolis: Insular, 2009.
- CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DE CARVALHO, José Jorge. **Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele**. 2008.
- DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2005.
- DE OLIVEIRA, Maíra Zenun. **O papel e o mar: sobre as histórias que não nos contam dos personagens negros da nossa história**. Revista Eixo 3.2, 2014.
- DURÃO, Gustavo de Andrade. **A construção da negritude: a formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945)**. 2011.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Ubu Editora, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2020.
- HABERMAS, Jürgen; MCCARTHY, Thomas. **A teoria da ação comunicativa**. Boston: Beacon Press, 1984.
- QUIJANO, Aníbal. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. Estudos avançados, 2005.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista Famecos, 2003.
- SILVA, Tarcízio. Linha do Tempo do Racismo Algorítmico. **Blog do Tarcízio Silva**, 2020.
- SOUZA, Edileuza Penha de. **Cinema na panela de barro: mulheres negras, narrativas de amor, afeto e identidade**. 2013.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. LeBooks, 2019.